

## Abismo de metáforas



Por **PEDRO DE SOUZA\***

*Seis sonetos*

### 1.

As palavras e as porras eu submeto  
Ao esgoto, que tudo é vão e vário,  
Feito as rimas inúteis dos rosários  
Vaidosamente ardentes dos sonetos;

Cada espasmo de carnes inconcreto  
E idiota eu despacho ao leprosário,  
Que os orgasmos são versos solitários  
Feito os ocos inanes do esqueleto;

Digo adeus ao quimérico mosaico  
De máscaras e músculos, mestiça  
Imensidão sem fundo; desse laico

E sujo amor eu quero o cuspe, eu quero  
A faca, eu quero a lágrima e a cobiça,  
Eu quero a dor e os gritos mais sinceros.

### 2.

Poesia: pulmão sem ar de naufragos?  
Exercício de adornos e de técnicas  
vazias? Mito pródigo das épocas  
sem Deus? Mera quimera, monstro hermético?

Catedral desvalida e melancólica?  
Voz sem músculos? Flor arquitetônica  
de metro e rima e ritmo e dor e pássaros?  
Refúgio falho e belo dos anátemas

da língua? Enigma fútil e anacrônico  
de cansados arcanjos labirínticos?  
Amor sem sombra? Abismo de metáforas?

Céu? Inferno? Lascívia? Ardência? Máquina?  
Ou somente mais um dos gritos bárbaros  
sem chão, sem foz, sem lástima e sem lágrima?

## 3.

Ontologicamente somos mar;  
onticamente, espuma a cavalgar  
a aurora infinda, infinda aurora, em lento  
sangradouro de mágoas e de ventos.

O horizonte sem lastro é o nosso altar,  
onde, inábeis, usamos transumar  
nossos úmidos sonhos, nossos cento  
e tantos moles músculos. Intento

incurável? Pendor irremittente?  
Sempiterna tarefa, estrume e rosa,  
paixão e trajo? Ou somos tão-somente  
a sede de outros mares, de extremosas  
profundas? Descesse a nós o céu,  
e não seria vão sermos ateus.

## 4.

O medo, amigo, é amigo da loucura.  
Temer a mão carrasca é já senti-la  
aproximar-se, lúbrica e tranquila,  
nas horas mais serenas e seguras;  
prever a morte e a senda sua, obscura,  
é já morrer sem morte, é produzi-la  
nas vozes inaudíveis das sibilas.  
O medo, amigo, é imigo da brandura.

Temamos, mas temamos o temor:  
decerto a rubra rosa, fresca agora,  
um dia, murcha, vai-se decompor  
tornando-se razão adubadora.

Porém às rosas é que vão as loas,  
e aos pastos só o ganir dos asnos soa.

## 5.

*"Arcano è tutto fuor che il nostro dolo "* (Leopardi)

Morreremos. E a carne e a flor e o zelo,  
rebentos duma atroz desesperança,  
nos embalam em sombras. Não descansas,  
ó quimera? Não dormes, ó flagelo?

O infinito, fadados a querê-lo  
jazeremos? E as unhas e as pujanças  
só nos mandam, famélicas, à mansa  
escuridão? É vão o nosso apelo,

é vão o nosso inferno. Vão, desnudos,  
abrindo-se os botões da derradeira  
viagem. Navegamos nós co'os remos

de miragens a noite. Arcano é tudo,  
exceto a nossa dor. Nessa fronteira  
de areia um pranto ecoa: morreremos.

## 6.

Quantas vezes me disse o Amor: escreve,  
Faz das lágrimas rimas esculpidas,  
Que é preciso dar vida à nossa vida;  
A vida é brisa seca e bruta e breve.

É breve e seca e bruta e não se deve  
Lamentar-se: das calmas corroídas,  
Das vãs e incontornáveis despedidas  
É possível talhar um quadro leve.

Porém Ele alertou-me ao ver-me afoito  
Para a ação: não te apresses, que eu afoito  
E vergasto e chibato tanto o lento

Quanto o célere. Sofre as cicatrizes  
Até que a dor co'a dor não se harmonize:  
Antes da arte há sempre o sofrimento.

**\*Pedro de Souza é escritor.**